

LENDAS FOLCLÓRICAS E TEATRO NO 6º ANO: UM PROJETO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE.

Chrystofer Enrique Guerra Cuevas¹

Náthaly Alberti²

Taysa Kauana dos Santos Rodrigues³

Prof^a. Dr. Solange Labbonia⁴

Prof^a. Marilu Claudia dos Santos Machado⁵

RESUMO

Este relato de experiência apresenta a aplicação de uma sequência didática desenvolvida com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II, na disciplina de Língua Portuguesa, com o tema “Desvendando a Cultura Brasileira através das Lendas Folclóricas”. O objetivo foi compreender as lendas como manifestações do patrimônio cultural brasileiro, concebendo a língua como prática social e interativa. A proposta fundamentou-se na concepção dialógica da linguagem e dos gêneros discursivos, conforme Bakhtin (2003), e na perspectiva de letramento como prática social defendida por Soares (2000), além da educação problematizadora de Freire (1968). A organização metodológica baseou-se na articulação de leitura, produção textual, reescrita e oralidade. Inicialmente, foram realizadas leituras e atividades de compreensão de lendas folclóricas, com foco nos elementos narrativos. Em seguida, os estudantes, organizados em grupos, adaptaram as narrativas para o gênero roteiro teatral, passando por etapas de revisão mediadas pela docente. O projeto incluiu a confecção de fantoches e ensaios, culminando em apresentações na biblioteca da escola. Os resultados evidenciaram maior engajamento dos alunos, ampliação das competências de leitura e escrita, desenvolvimento da oralidade, fortalecimento do trabalho colaborativo e valorização da cultura popular no contexto escolar.

Palavras-chave: Lendas folclóricas, Oralidade, Cultura brasileira, PIBID, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

1 Solange Labbonia, Doutora pelo Curso de Letras- Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, solange.labbonia@uffs.edu.br.

2 Professora orientadora Marilu Claudia dos Santos Machado, Graduada pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó.- UNO, 652614@profe.sed.sc.gov.br.

3 Acadêmico do Curso de Letras- Português e Espanhol. 7º/2026. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. guerrachrys@gmail.com.

4 Acadêmica do Curso de Letras- Português e Espanhol. 7º/2026. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. nathalyalberti08@gmail.com.

5 Acadêmica do Curso de Letras- Português e Espanhol. 9º/2026. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. taysa.rodrigues@estudante.uffs.edu.br.



Este relato de experiência detalha as ações e os desdobramentos da sequência didática intitulada “Desvendando a Cultura Brasileira através das Lendas Folclóricas”, aplicada com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II no Colégio Bom Pastor na cidade de Chapecó, Santa Catarina. A iniciativa justifica-se pela necessidade de transformar o ensino de língua, passando da normatividade clássica do ensino gramatical para uma concepção de língua como prática social, histórica e interativa. Sob essa ótica, o projeto utilizou as lendas folclóricas não como fontes para práticas de leitura passiva, senão como catalisadores para a produção discursiva e a expressão da identidade cultural e criativa dos estudantes do sexto ano. O objetivo central desta intervenção foi investigar a importância das lendas como elementos fundamentais do patrimônio cultural brasileiro, utilizando-as para o desenvolvimento de competências de leitura, escrita e oralidade. Buscou-se, especificamente, aplicar estratégias de leitura ativa, fomentar a produção de roteiros teatrais e promover o trabalho colaborativo durante o processo de encenação.

A base teórica que sustenta esta proposta se ancora na concepção dialógica da linguagem e dos gêneros discursivos, conforme preconizado por Bakhtin (2003). A perspectiva de letramento adotada é a de prática social defendida por Soares (2000), aliada à educação problematizadora de Paulo Freire (1968), que visa transformar o ambiente escolar em um espaço de reflexão crítica. No campo específico da linguística aplicada ao ensino, o projeto dialoga com os pressupostos de Antunes (2003) e Geraldi (1997). Segundo Antunes (2003), o ensino de língua deve privilegiar a unidade do texto e a interação entre os sujeitos, permitindo que o aluno vivencie a linguagem em contextos reais de uso. Complementarmente, a visão de Geraldi (1997) orientou a organização metodológica ao colocar a produção textual (oral e escrita) como o ponto de partida e o ponto de chegada de todo o processo de ensino-aprendizagem. Para a mediação da leitura, utilizaram-se as estratégias de Isabel Solé pensando no desenvolvimento da leitura e compreensão dos alunos.

Para ler, é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão. Também se supõe que o leitor seja um processador ativo do texto, e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses que conduzem à construção da compreensão do texto e ao controle desta compreensão.” (SOLÉ, 1998, p. 24).

Se optando portanto a uma abordagem visando o processo ativo de construção e atribuição de significados, essencial para a posterior adaptação das narrativas folclóricas para o gênero roteiro teatral.



METODOLOGIA

A presente experiência configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e participativa, centrada na compreensão dos processos de significação e letramento no cotidiano escolar. O projeto foi desenvolvido na Escola de Educação Básica Bom Pastor, em Chapecó (SC), com o envolvimento de duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental II (turmas 61 e 62). Sob esse viés, a proposta estruturou-se como uma sequência didática que articulou sistematicamente os eixos de leitura, escrita e oralidade, tendo as lendas folclóricas e o gênero roteiro teatral como catalisadores do fazer pedagógico. A escolha por trabalhar com gêneros discursivos fundamenta-se na perspectiva dialógica da linguagem, que compreende o texto como prática social situada e historicamente constituída. Conforme Bakhtin (2003):

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os próprios campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O uso da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

O percurso metodológico compreendeu uma fase inicial de planejamento e imersão teórica, realizada entre maio e junho de 2025, seguida pela execução direta em sala de aula de julho a outubro do mesmo ano. A coleta de dados foi realizada por meio de observação direta e registros sistemáticos em diários de campo e relatórios mensais de atividade de bolsista. Tais instrumentos permitiram uma análise reflexiva contínua sobre o engajamento discente, a apropriação dos gêneros trabalhados e os desafios inerentes à transposição didática no âmbito do PIBID.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento das ações práticas em sala de aula revelou um arco de aprendizagem que transitou da recepção crítica à performance autoral. Para melhor



visualização do percurso, o quadro abaixo sintetiza os encontros que compuseram a aplicação da sequência.

Quadro 1 – Cronograma de Execução da Sequência Didática (Julho a Outubro de 2025).

Encontro	Data	CH*	Descrição dos Procedimentos Pedagógicos e Vivências
1	02/07	4H	Aula Introdutória: Investigação da origem e importância das lendas folclóricas como patrimônio cultural brasileiro. Seleção de lendas para leitura e atividades posteriores pelos alunos.
2	30/07	4H	Introdução à estrutura do gênero roteiro, utilizando Shakespeare, em trechos de Hamlet (2020) e Sonho de uma noite de verão (2022) como mediação para a transição do texto narrativo para a cena. Leitura e exercícios de compreensão das lendas em sala.
3	07/08	4H	Oficina prática de escrita: adaptação das lendas escolhidas anteriormente pelos alunos para o gênero roteiro, com foco na criação de diálogos e com exercícios de escrita em fluxo de consciência para desenvolver a criatividade.
4	14/08	4H	Confecção de fantoches com materiais reciclados e acompanhamento individualizado para conclusão dos roteiros.
5	21/08	4H	Primeira leitura em voz alta e ensaios iniciais, focando na correção da fluidez e coerência dos textos produzidos.
6	04/09	4H	Práticas guiadas na biblioteca, com ênfase na sincronia entre fala e movimento dos fantoches. Seleção de trilha sonora.
7	11/09	4H	Prática na “casinha” (palco), integrando a projeção vocal à acústica do cenário e ao uso de efeitos sonoros.



8	25/09	4H	Prática no auditório com microfones para superar a barreira do baixo volume vocal, conferindo segurança e fluidez à oralização do roteiro.
9	02/10	4H	Últimas práticas dirigidas com as turmas 61 e 62 para refinamento dos atos e marcações cênicas.
10	09/10	4H	Apresentação socializada entre as turmas do 6º ano.
11	16/10	4H	Apresentação de extensão; integração com alunos 2º ano do Ensino Fundamental, que assistiram às apresentações das turmas do 6º ano.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

**Carga Horária (CH) referente a 4 aulas de 45 min por dia (2 aulas para cada turma do 6º ano).*

Para fundamentar as práticas de leitura e a subsequente transposição para o texto dramático, realizou-se uma seleção criteriosa do corpus literário, estruturada a partir de obras consagradas do folclore nacional. A fim de viabilizar a dinâmica colaborativa e garantir a equidade no processo produtivo, cada uma das turmas foi contemplada com uma quantidade similar de narrativas, as quais foram devidamente distribuídas entre os grupos de trabalho. Como evidencia o Quadro 2, a curadoria abrangeu diferentes regiões e matrizes do patrimônio imaterial brasileiro, reunindo compilações de renomados folcloristas e pesquisadores, a exemplo de Henriqueta Lisboa, Luís da Câmara Cascudo e Franklin Cascaes. Tal encaminhamento metodológico dialoga com a concepção freireana de educação como prática dialógica e problematizadora, na qual o conhecimento se constrói coletivamente a partir da realidade cultural dos sujeitos. Conforme afirma Freire:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática 'bancária', são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 1968, p. 79).

Essa perspectiva sustenta a valorização do repertório cultural dos estudantes e orienta a organização de práticas pedagógicas que promovem a participação ativa, o diálogo e a



construção coletiva do conhecimento, aspectos essenciais para o desenvolvimento do letramento crítico e da autoria no contexto escolar.

Lenda Folclórica	Autor(a) / Compilador(a)
O céu e a noite	Henriqueta Lisboa
O avestruz	Henriqueta Lisboa
A lenda do milho	Henriqueta Lisboa
A origem do rio Solimões	Henriqueta Lisboa
A árvore de Tamoromu	Henriqueta Lisboa
O curupira e o Pobre	Henriqueta Lisboa
A lenda do algodão	Henriqueta Lisboa
Kupe Kikambleg	Henriqueta Lisboa
A festa no céu	Henriqueta Lisboa
A vitória-régia	Henriqueta Lisboa
O beija-flor	Henriqueta Lisboa
A cidade encantada de Jericoacoara	Luís da Câmara Cascudo



Romãozinho	Luís da Câmara Cascudo
Chico Rei	Luís da Câmara Cascudo
Balé de mulheres bruxas	Franklin Cascaes
As bruxas e o noivo	Franklin Cascaes

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

No início da aplicação, em julho, observou-se que o contato com as lendas exigia o emprego de estratégias que garantissem a compreensão crítica dos textos lidos, indo além da decodificação. Por esse motivo, com base nas estratégias de leitura de Solé (1998), foram elaborados exercícios de compreensão para cada um dos grupos, com perguntas que visaram guiar a leitura aprofundada das lendas. Posteriormente, a introdução ao gênero roteiro teatral utilizou referências clássicas, como Shakespeare, para desmistificar o texto dramático, servindo como uma ponte necessária para que os alunos compreendessem as especificidades da escrita do gênero.

Sob a ótica de Antunes (2003), essa etapa privilegiou a participação cooperativa do leitor na interpretação dos sentidos, pois, somente a partir das leituras individuais e coletivas das lendas e dos trechos de Shakespeare, assim como das interpretações que delas surgiram, os grupos criaram os diálogos e as cenas de seus respectivos roteiros. Conforme preconiza Geraldini (1997), a produção textual foi tratada como ponto de partida e de chegada, tal como foi evidenciado nas oficinas de escrita de roteiros em agosto, que permitiram que os alunos atuassem como produtores discursivos. Concomitantemente, a confecção de fantoches conferiu materialidade e dinamismo ao projeto, funcionando como um suporte de mediação que auxiliou no desbloqueio da criatividade.

Setembro representou o período de superação de obstáculos técnicos. A prática revelou que a sincronia entre a fala e o movimento dos fantoches exigia uma coordenação motora complexa. Entretanto, um divisor de águas foi o uso do microfone no auditório em 25 de



setembro; a ampliação da voz resolveu a barreira do baixo volume vocal e conferiu segurança aos estudantes ao se escutarem com clareza.

Com a conclusão do projeto em outubro pode-se obter reflexões valiosas sobre o engajamento. Notou-se uma variação de energia durante as apresentações internas, ou seja, entre as turmas do sexto ano (uma delas mais engajada que a outra), possivelmente devido ao desgaste da repetição exaustiva dos ensaios e ao cansaço da rotina. Todavia, a apresentação para o 2º ano, alguns dias depois, alterou drasticamente a atitude dos discentes, que se mostraram confiantes e comprometidos com a atividade. Lembrando o princípio de Freire (1968) de que a educação com propósito social transforma os educandos em sujeitos ativos, ao apresentarem-se para um público diferente, os alunos assumiram uma postura de responsabilidade renovada, demonstrando o conhecimento e a dedicação desenvolvidos ao longo das semanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência didática “Lendas Folclóricas e Teatro”, desenvolvida no âmbito do PIBID, mostrou ser uma ferramenta pedagógica de alta eficácia para a materialização do letramento como prática social. Ao deslocar as narrativas folclóricas do lugar comum da leitura passiva para o protagonismo da adaptação a roteiros e da encenação teatral, o projeto permitiu que os estudantes do 6º ano vivenciassem a linguagem em sua multiplicidade e se tornassem protagonistas de suas práticas discursivas. O principal êxito da intervenção residiu na constatação de que o refinamento das habilidades de leitura, escrita e oralidade ocorre de maneira orgânica quando atrelado a um propósito comunicativo real e palpável.

Evidentemente, a trajetória desde as dificuldades iniciais de escrita até o domínio do microfone no auditório demonstrou o amadurecimento técnico e expressivo das turmas. Mais do que isso, a culminância do projeto também comprovou o poder da alteridade na educação: a responsabilidade de atuar para os alunos mais novos do 2º ano transformou o cansaço dos ensaios em entusiasmo e responsabilidade cênica. Conclui-se, portanto, que a articulação entre as diretrizes curriculares e a prática interativa não apenas eleva a competência linguística dos discentes, como também reafirma a relevância inquestionável do programa PIBID e da parceria entre a universidade e a escola básica na formação inicial de professores, garantindo um espaço de reflexão, pesquisa e inovação no chão da sala de aula.

AGRADECIMENTOS



Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento concedido através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilitou a realização desta vivência pedagógica. Expressamos nossa profunda gratidão à professora supervisora Marilu Claudia dos Santos Machado, que nos guiou de forma incansável, sensível e atenta ao longo de toda a prática docente. Igualmente, agradecemos imensamente à bibliotecária da Escola de Educação Básica Bom Pastor, Valentina Marchiori, mais conhecida e tratada carinhosamente pelo alunos e demais funcionários como Tina, por seu valoroso auxílio na curadoria das referências bibliográficas das lendas e por ceder gentilmente o espaço da biblioteca, além da “casinha” de teatro, elementos fundamentais para a materialização e o sucesso das nossas apresentações.

Também agradecemos a Professora a Doutora Solange Labbonia pelo excelente trabalho na coordenação do PIBID e nas demais atividades relacionadas ao projeto.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASCAES, F. Fantástico na Ilha de Santa Catarina - Vol. 2. 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2000.
- CASCUDO, L. C. Lendas brasileiras para jovens. São Paulo: Global Editora.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- GERALDI, J. W. Portos de passagem. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LISBOA, H. Literatura oral para a infância e a juventude. São Paulo: Editora Cultrix.
- SHAKESPEARE, W. Hamlet. São Paulo: Editora Lafonte, 2020.
- SHAKESPEARE, W. Sonho de uma noite de verão - A tempestade. São Paulo: Editora Lafonte, 2022.
- SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOLÉ, I. Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

